



Reitoria destina meros 2,24% do orçamento da universidade em permanência estudantil!

Milhares continuam sem bolsa permanência!

Faltam professores em todos os cursos de todos os campi!

**Que o DCE convoque imediatamente
uma Assembleia Geral dos Estudantes
da USP! Organizar imediatamente a luta!**

No primeiro semestre de 2023, houve, de um lado, os ataques e manobras da reitoria, especialmente contra a permanência estudantil e a contratação de professores e funcionários; de outro, a disposição dos estudantes em lutar por essas reivindicações, e, no meio, a direção do DCE (PSOL, PCB e UP), amortecendo o choque em favor da política da reitoria. Dentre os ataques, eis: bolsas PAPFE insuficientes – 15 mil bolsas para um universo de cerca de 97 mil estudantes –; valor da bolsa inferior a um salário-mínimo – frente a especulação imobiliária e carestia de vida altíssimas –; não abertura de concurso imediato para a contratação de docentes e funcionários, em regime de trabalho não precário, e em número suficiente às necessidades dos estudantes de cada unidade de ensino; circulares superlotados; filas infinitas nos bandejões; trabalho precário dos terceirizados; descaso com a situação da EACH. Dentre as mobilizações, podemos destacar as dos estudantes de Letras e das Sociais, que cobraram do DCE a convocação de uma assembleia geral; organizou-se uma plenária dos três setores na Letras, em defesa da contratação de mais professores; e a greve e ocupação dos estudantes da EACH, encerrada diante da manobra do reitor, que prometera o adiantamento da contratação de 15 professores (temporários), e a revisão dos casos dos indeferidos no PAPFE – sem nenhuma garantia de que seriam contemplados. Imersa nessa realidade, está a direção do DCE, que encerra o

primeiro semestre com dois golpes no movimento estudantil: primeiro, numa plenária dos estudantes, supostamente deliberativa. A direção do DCE prorrogou ao máximo a votação da data da assembleia, e, ao final, afirmou ser impossível sua deliberação. Segundo, às vésperas do fim do semestre, o DCE convocara uma assembleia, porém, a cancelou no dia de sua realização, sem maiores explicações.

Os ataques da reitoria são motivados por seus interesses privatistas, que usurparam os recursos públicos destinados à universidade. Somente em 2023, seu orçamento fora de R\$ 8,4 bilhões, dentre os quais, foram destinados meros R\$ 188 milhões à permanência estudantil, o equivalente à 2,24% do total orçamentário. A fábula dos recursos está longe de atender as necessidades elementares de uma instituição de ensino, cujos elementos basilares de funcionamento seriam os estudantes e os docentes. No entanto, a política para a permanência do aluno é arremetida à “migalha de pão”, e a falta de professores é uma realidade de todos os cursos, em todos os campi. Assim, para onde vão os bilhões controlados por uma casta burocrática, ultraminoritária, assentada no Conselho Universitário? Para obras superfaturadas, supersalários e para as empresas terceirizadas e fundações que prestam serviços à universidade. Essa casta burocrática é proprietária dessas terceirizadas, ou sócia de empresários nesses negócios particulares, e controlam as funda-

ções. O princípio da impessoalidade na administração pública jamais será cumprido por essa estirpe de parasitas, que nada mais são do que o reflexo do parasitismo inerente à burguesia na sociedade capitalista. Por isso, o caráter público da universidade jamais será assegurado sob o controle da burocracia universitária, por que ela expressa, de um lado, seus interesses individuais de casta, e não os gerais de uma sociedade carente de educação superior – apenas 17,7% dos jovens de 18 a 24 anos estavam matriculados no ensino superior, no ano de 2021, segundo dados do INEP. E, por outro lado, por ser a correia de transmissão da política da burguesia e seu Estado, cujos interesses não se assentam em desenvolver a educação superior, o que dirá pública. As universidades definham na decomposição do modo de produção capitalista.

O conjunto dos estudantes precisa ter claro que seu primeiro grande obstáculo para conseguir estudar e se formar na universidade é a reitoria. Ela maneja os recursos. Ela decide o percentual destinado à permanência estudantil. Ela decide a quem serão destinadas as bolsas, portanto, ela decide quem e quantos não receberão. Na prática, a reitoria decide e implementa a evasão estudantil – no ano de 2015, ultrapassava os 20%. A evasão, em um contexto de alta insuficiência na permanência estudantil, é expulsão. A reitoria decide quantos, quando e se serão contratos mais professores; o que significa que é ela quem decide quantos, quando

e se um estudante poderá se formar. Ela esbanja na retórica meritocrática, para encobrir o seu vil autoritarismo, que sorrateiramente desfigura o direito democrático à educação. Entendendo quem é a reitoria, ficará claro que, para enfrentá-la e derrotá-la, será necessário um poderoso movimento, coeso e unificado. Daqui decorre a importância da Assembleia Geral dos Estudantes da USP. A assembleia é o organismo democrático capaz de organizar a luta dos estudantes a altura do necessário, porque é em seu seio onde se processam as reivindicações comuns; discutem-se e colocam-se em prática medidas assumidas pelo conjunto do movimento, no enfrentamento à reitoria. A assembleia é a base organizativa do poder estudantil, que perpassa as esferas, por essência limitadas, do poder das direções de CAs, CCAs e DCE.

Aqui está a causa dos golpes que a direção do DCE desferiu no movimento, no primeiro semestre. E, nesses golpes, estão as causas da imperante necessidade de substituir a atual direção conciliadora com a reitoria, e avalizadora da expulsão de estudantes.

Estudantes esses, que necessitam de permanência estudantil, que necessitam de mais professores, que tentam se organizar para lutar por eles, mas encontram na atual direção do DCE uma política às avessas. A atual direção do DCE (PSOL, PCB e UP), ao se negar a convocar a Assembleia Geral dos Estudantes, ao cancelar uma assembleia convocada, dá de ombros aos milhares de estudantes à mercê da política draconiana da reitoria, e, com isso, colabora com a burocracia universitária em seu parasitismo privatista, pisoteando no lombo dos estudantes mais empobrevidos e proletarizados. As correntes: PSOL, PCB e UP – reformista e estalinistas – são avessas à Assembleia, porque se opõem ao verdadeiro poder que emana da força coletiva do conjunto dos estudantes em movimento. Cantam aos quatro ventos a defesa da democracia, mas, oportunamente, se esquecem de caracterizá-la em seu conteúdo de classe. A que defendem, é a democracia burguesa, representativa. Reproduzem no interior do DCE a forma de organização política da burguesia no funcionamento do Estado.

Essas correntes se veem como os representantes da vontade estudantil, cabendo, portanto, tão somente, aos membros da direção do DCE, a definição dos rumos do movimento. Logicamente, essa concepção os coloca em rota de colisão com a Assembleia, porque é nela em que os rumos do movimento são definidos pelo próprio movimento; e essa inversão, eles não podem admitir, porque fere seus princípios burgueses de organização, evidentemente antagônicos à verdadeira democracia: a democracia direta. A democracia do movimento!

A tarefa do movimento estudantil é derrotar a reitoria, arrancando dela a bolsa estudantil a todos, no valor de pelo menos um salário-mínimo. Arrancar da reitoria a contratação imediata de professores e funcionários, em número conforme a necessidade definida pelos próprios estudantes. E, para derrotar a reitoria, será necessário derrubar a atual direção do DCE, erguendo em seu lugar uma direção revolucionária, cuja política é a única capaz de defender intransigentemente as reivindicações do movimento! ■

Pela derrota militar da OTAN na Ucrânia!

A guerra na Ucrânia é um episódio da tendência mundial que domina na crise: a da disputa entre as potências imperialistas e os Estados onde houve a Revolução Socialista.

O objetivo da coalizão de 32 países sob direção do imperialismo norte-americano é transformar a Ucrânia em uma base militar para as ações da OTAN, visando derrubar o Estado operário degenerado e destruir as forças produtivas erguidas sobre a base da propriedade estatizada, para, em seguida, avançar sobre a China. Sua destruição poderia abrir caminho para uma nova retomada capitalista mundial, semelhante à ocorrida após a 2ª guerra. O prolongamento da guerra na Ucrânia e o agravamento das tendências bélicas na Ásia demonstram que essa destruição não é possível por meio de uma transição gradual dos estados operários em burgueses.

A sobrevida do putrefato capitalismo depende da destruição das mais importantes conquistas revolucionárias do proletariado mundial.

A burocracia é obrigada pela sua situação a defender a estatização dos principais ramos da economia e do sistema financeiro. Não o faz em defesa do socialismo ou da revolução, mas como meio de preservar sua fonte de ganhos e privilégios. A invasão da Ucrânia e anexações do leste ucraniano pela Rússia foram manobras impostas por esses interesses. Mas, não pode ir até o fim na luta contra as potências imperialistas. Somente o proletariado no poder pode levar a guerra revolucionária contra as potências imperialistas, apoiando-se nas massas oprimidas de cada país, fortalecendo suas lutas e avançando para a tomada do poder em cada um deles, em direção à revolução socialista mundial.

A revolução política, que derrubará a burocracia e restabelecerá o poder político e econômico do proletariado sobre a economia e o país, tomará como ponto de partida para a retomada do percurso ao socialismo e da guerra revolucionária contra o imperialismo, a estatização dos principais ramos da economia. Sobre sua base retomará a transição ao socialismo libertado da casta parasitária que lhe expropriou o poder político e degenerou seu Estado.

É por tudo isso que faz toda a diferença para o proletariado mundial se o imperialismo vence ou é derrotado, e se a nacionalização na Rússia e China são preservados ou destruídos. Por isso é também que a verdadeira posição internacionalista a ser defendida nas atuais circunstâncias não pode ser outra que DERROTA MILITAR DA OTAN NA UCRÂNIA! ■

Construir uma oposição revolucionária ao governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin!